

A psicodelia enquanto revolução molecular: o agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas

Psychedelia as a molecular revolution: the agency of modes of thought and expression based on psychedelic experiences

André Vinícius Nascimento ARAÚJO

Possui licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012), Mestrado em Filosofia (2015) e Doutorado em Filosofia (2020) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: andrenascimento07@yahoo.com.br

Igor Fidelis MAIA

Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017). Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia.
E-mail: igorfidmaia@gmail.com

Edson Gonçalves da SILVA FILHO

Possui bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007); licenciatura em Filosofia (2017); mestrado em Filosofia (2019), ambos pela UFRN;
E-mail: edsonfilho4500@gmail.com

RESUMO:

Uma forma interessante de pensar a contribuição das chamadas “experiências psicodélicas” para o pensamento filosófico é encará-las do ponto de vista de uma “revolução molecular”. O termo, cunhado no influxo dos trabalhos de G. Deleuze (1925 – 1995) e F. Guattari (1930 – 1992), propõe um deslocamento de perspectiva acerca dos movimentos de transformação do social e da subjetividade, onde a distinção entre molar e molecular dá ênfase aos movimentos de agenciamentos micropolíticos do desejo. Devires que se articulam molecularmente, subjetividades constituindo “grupos” que mesmo não sendo estruturas molares, deliram todo o campo social, produzindo novas perspectivas. A relação entre o corpo e as moléculas psicodélicas forma um tipo de agenciamento, no qual é posta em questão a ordinariade das percepções ligadas às estruturas molares da realidade. Isso cria a abertura na subjetividade para um tipo de experiência com os devires, entendidos como expressões de outros modos de existência. A experiência psicodélica exige da subjetividade agenciamentos expressivos ou de enunciação, já que os esquemas representativos convencionais da consciência se defrontam com percepções não ordinárias. Esperamos, ao encarar a experiência psicodélica nesse sentido, mostrar a fractalidade de sua produção de sentidos e transformações sociais, políticas, estéticas e subjetivas.

PALAVRAS-CHAVE: empirismo transcendental; agenciamentos maquínicos; contracultura; bricolagem.

ABSTRACT:

An interesting way to think about the contribution of so-called "psychedelic experiences" to philosophical thought is to look at it from the point of view of a "molecular revolution." The term, coined in the influence of the works of G. Deleuze (1925 – 1995) and F. Guattari (1930 – 1992), proposes a shift in perspective on the movements of transformation of the social and subjectivity, where the distinction between molar and molecular emphasizes the movements of micropolitical assemblages of desire. Becomings that are molecularly articulated, subjectivities constituting "groups" that, even though they are not molar structures, delirious the entire social field, producing new perspectives. The relationship between the body and psychedelic molecules forms a kind of agency, in which the ordinariness of perceptions linked to the molar structures of reality is called into question. This creates an opening in subjectivity for a kind of experience with becomings, understood as expressions of other modes of existence. The psychedelic experience demands expressive or enunciative assemblages from subjectivity, since the conventional representative schemes of consciousness are confronted with non-ordinary perceptions. By looking at the psychedelic experience in this sense, we hope to show the fractality of its production of meanings and social, political, aesthetic and subjective transformations.

KEYWORDS: transcendental empiricism; machinic assemblages; counterculture; Bricolage.

INTRODUÇÃO

As “experiências psicodélicas” fizeram parte dos devires dos filósofos contemporâneos que trabalharam com as ideias de empirismo transcendental, agenciamento maquínico, contracultura e bricolagem. Aldous Huxley (1894 – 1963), Gilles Deleuze, M. Foucault (1926 – 1984), Félix Guattari e Jan Freitas são pesquisadores que não só cunharam conceitos referentes a tais experimentações, mas também intervíram no processo de transmutação social engendrado na formação de subjetividades moleculares de resistências minoritárias. Deleuze e Guattari dissertaram sobre o capitalismo mundial integrado e a revolução molecular e também acerca da Introdução à esquizoanálise. Estes tópicos são partes de dois todos, isto é, de duas obras escritas pelos pensadores contemporâneos, em particular, *Revolução molecular* (1985) e *O anti-Édipo* (2010). Acrescentaria ainda dois livros de autoria de Deleuze: *Empirismo e subjetividade* (2001) e *Diferença e Repetição* (2006). Esta escrita complementa a nossa análise acerca dessa revolução no âmbito do desejo que também faz rizoma com outros materiais de estudos que serão debatidos no decorrer deste escrito, tais como: *As Portas da Percepção/Céu e Inferno* de Huxley (2015), *Arqueologia do saber*, de Foucault (2008) e o artigo *Que é isto – a Filopsicodelia?: O Reflorescimento da Filosofia Psicodélica*, de Freitas (2023a). “A psicodelia enquanto revolução molecular: o agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas”, será discutida a partir dessas interseções dos fluxos de pensamentos nômades que estão configurados nos estudos desses pesquisadores da transgressão, tendo como objetivo: apresentar as práticas das escritas psicodélicas na atualidade sob o

prisma da práxis revolucionária desejante que rompe com a estética do controle do corpo molar na sua configuração arborescente.

Tal estudo tem como finalidade compreender o conceito de “psicodelia” conforme a ideia de empirismo transcendental que percorre os espaços psicogeográficos do corpo molecular na sua empiria radical, não ortodoxa, e sim heterodoxa na sua maneira de poetizar o mundo macro e microfísico dos deuses, de Deus, da natureza e das subjetividades psicodélicas (Freitas, 2023a). Essa temática que recai sobre o campo da Filosofia atual não é uma análise fechada e sim aberta porque a esta última consiste em um discurso complexo de várias epistemes que desde sempre estiveram agrupadas em torno da Física, da Metafísica, da Geometria, da Lógica, da Matemática, das Neurociências, da Medicina molecular seja ela tradicional ou moderna, da Jurisprudência, da Estética, enfim, dos saberes constituintes das histórias dos povos originários, dos Estados e dos grupelhos com os seus agenciamentos maquínicos. A base que sustentará esse campo teórico, e prático, de reflexão será a perspectiva antimanicomial¹ de Deleuze, Guattari e Foucault que entrelaça experiência vivida com atividade do fluxo de criação de um novo pensamento em que a mistura, a alegria, o desvio esquizo do corpo e o grito revolucionário filopsicodélico contra todos os microfascismos são atitudes positivas de uma caosmose contracultural que abre *As portas da percepção* da consciência comprimida nos campos de aprisionamento molar, parafraseando Huxley.

Para Deleuze e Guattari (2010), o sistema capitalista criou uma potência de colonização integralizada onde nada pode escapar de seus tentáculos nefastos de destruição e agressão. Mas, por trás da cortina terrorista dessa forma de organização mundial há fluxos de desterritorializações moleculares, psicodélicas², acontecendo a cada instante contra o veneno de uma disjunção molar que não respeita o estilo tradicional de um povo, diante do qual os estados nacionais procuram transformar a ética em uma “axiomática” da morte.³ Os antimanicomialistas em debate analisam essa produção capitalista que é

¹ Tal perspectiva visa romper com a leitura da psiquiatria manicomial que enquadra o desejo em estruturas de enclausuramento onde vontade de vida se transmuta impulso de morte. Se os manicomialistas trabalham para alagar a pulsão destrutiva, então é necessário tomar um posicionamento a respeito dos preconceitos que foram cultivados por essa forma de colonizar as consciências que outrora tratava os povos das florestas e os filósofos como loucos, os poetas e pintores como doentes mentais. A psiquiatria dos manicômios não conhece os devires moleculares das máquinas desejantes revolucionárias e psicodélicas. A cura psiquiátrica através dos eletrochoques faz parte do enquadramento forçado pela sua engenhosidade perversa e policial (Deleuze; Guattari, 2010; Guattari, 1985).

² O estudo da alma através da Filosofia não ocorreu apenas no mundo ocidental. Culturas antigas e modernas não-ocidentais já tinham seus sistemas de leituras para observar a psique. A psicodelia sempre esteve presente em ambos os hemisférios, por ser ela a substância do êxtase e da verdade, isto é, a manifestação primeira da admiração e do encantamento mítico, religioso, poético e posteriormente científico = Filopsicodelia (Freitas, 2023a).

³ A macropolítica, atual, discute questões relacionadas aos modos de vida na terra conforme o processo de desertificação contestado pelas lutas sociais no decorrer da história geral. Por exemplo, do século XVIII ao século XXI muito sangue foi derramado, direitos populares foram parcialmente conquistados, grupelhos de resistências revolucionárias filopsicodélicas aparecerem no cenário contemporâneo, muitos venenos foram injetados nos corpos das culturas que faziam parte da vida terrena. Freitas (2023a) propõe observar toda ecologia atual, ou seja, a casa que é de todos os seres humanos e não-humanos e com isso ele proclama a sua diplomacia de intervenção que sai da parte resistente para o todo com a intenção de reivindicar o diálogo psicodélico como forma de manifestação micropolítica criadora de novos valores para o cenário anticapitalista.

sempre negativa para o todo e as partes através das expressões relacionadas às explosões econômicas interligadas nesse conjunto destinadas para um único sistema santificado pelo axioma que mutila as organizações sociais segundo os cortes específicos que produzem mais-valia para o mercado internacional.

As articulações da máquina de guerra revolucionária, dos agenciamentos maquínicos do desejo criativo e dos conflitos geridos pela dissociação de classe aparecem como contraposição ao fluxo delirante desta axiomática da morte universal (Guattari, 1985). Para Deleuze e Guattari (2010), o que pode ecoar como contraposição ao dado estabelecido é a revolução do desejo de não ser mais um triturado pela roda do sacrifício. A contracultura é sempre uma bricolagem de resistência. Desejo de colocar essa sistematização sob “questão”. Deleuze e Guattari (2010) criam a metodologia da esquizoanálise como forma de fazer uma fronteira com o desejo de morte em que se prefigura o capitalismo e o seu sistema psicológico, radicado numa forma bastante cruel de esvaziar os bolsos das pessoas com lições de alienação para as massas. O que vale é ganhar dinheiro. De acordo com essa perspectiva, a teoria esquizoanalítica teria duas tarefas positivas a serem desenvolvidas. Primeiro, o esquizo⁴ tal como Vincent Van Gogh (1853 – 1848), ou Antonin Artaud (1896 – 1948), cria as suas próprias máquinas desejanter psicodélicas para não serem dilacerados pelo domínio inconsciente do desejo capitalista que também cultiva as suas máquinas paranoicas destruidoras. Isso acontece quando o desejo é capturado pela produção molar que se unifica e se identifica nesse campo de sentido (Deleuze; Guattari, 2010). Despersonalizar o desejo de castração, seguir o fluxo da criação desejanter molecular e destruir a “armadilha” negativa do desejo molar. Esta é a tarefa central da micropolítica das máquinas desejanter ou psicodélicas.

A segunda atividade a ser desenvolvida é a de identificar que cada máquina apresenta seus dois polos, a saber, o molar e o molecular. Tanto as máquinas esquizo-revolucionárias como as máquinas paranoicas apresentam essa dupla expressão. Segundo Deleuze e Guattari (2010), não existe o molar sem o molecular. O esquizo revolucionário identifica as máquinas desejanter de cada movimento, de cada

Estados, grupelhos, povos tradicionais terão que enfrentar, no presente e no futuro, um único inconveniente que é inimigo de todos os habitantes da biosfera, a saber: o aplainamento tóxico absoluto do sistema capitalista mundial (Deleuze; Guattari, 2010; Guattari, 1985). Depois do lançamento das bombas em 1945, outro grande distúrbio ecológico é vivenciado de maneira trágica: a pandemia (2020 – 2022) foi uma demonstração da catástrofe na qual o todo e as partes se prejudicam pela infecção sistêmica do pós-guerra nuclear entre Estados. O esquizo-revolucionário psicodélico realiza essa indagação diante de tais acontecimentos históricos: o que é a psicologia do capital?

⁴ Ele é aquele que realiza uma fenda deveras perigosa por produzir o duplo do duplo, ou seja, inventa para si e para os outros seus enunciados: de escritura psicodélica, de antimanicomialismo, de pintura, de crítica da crítica, ou seja, dá vazão a uma *poiesis* originária que não é a repetição do mesmo e sim a demonstração da diferença em atos revolucionários. Freitas (2023a) em seu artigo já alerta para essa práxis que se encontra envolvida com o todo e as partes: sensível, inteligível, transcendental, empírico, imanente, político, psicodélico, isto é, pós-estrutural e decolonialista.

corpo com órgãos ou sem órgãos. Por isso, ele é considerado o produtor de micropolíticas das máquinas desejantes.

De acordo com essa tarefa da máquina revolucionária, o psiconauta faz o seguinte questionamento: quais são as vossas máquinas desejantes? Cada máquina tem seu agenciamento maquínico macro e microfísico (DELEUZE; GUATTARI, 2010; GUATTARI, 1985). Deleuze (2001, 2006), ao elaborar um discurso sobre o tema da empiria e da subjetividade, discorre também acerca do problema da transcendência. O que seria então o empirismo transcendental? Deleuze, Guattari e Foucault foram filósofos psicodélicos ou decolonialistas? Qual a contribuição de Huxley e Freitas para o pensamento filopsicodélico?

O empirismo transcendental recorre ao modelo sensível de subjetividade para extrair daí o seu campo de atuação, ora podendo ser considerado imaginação pura e simplesmente, ora como espírito. Tais dados não representam nenhuma faculdade ou até mesmo um princípio organizacional, como demonstrou Deleuze (2001). Para ele, a experiência empírica da subjetividade sensível passa, primeiramente, pelo campo da transcendência (singularidades pré-individuais e as individuações pré-pessoais), ou seja, ela é devir animal. O que o processo de hominização não retirou do corpo humano foi o seu caráter animalesco, ou seja, a sua primitividade com a substância da natureza, que é também universal.

A Filosofia Contemporânea segue o seu curso diante dos conflitos existentes entre as variabilidades de perspectivas. Deleuze, Guattari e Foucault tiveram que descolonizar o pensamento enraizado numa perspectiva ocidentalista a fim de poderem construir outro devir compatível com a Filosofia decolonial. Eles tiveram visibilidade para apresentarem as suas produções teóricas. Mas também existiram outros estudiosos que não apareceram no palco visível desse combate. Eles são os produtores invisíveis de saberes não legitimados, que segundo a arqueologia de Foucault (2008), também compõem o cenário produtivo de uma estética subterrânea de conhecimento. É o caso de Freitas (2023a), que produz na margem social seus enunciados decolonialistas sob o preceito de uma escrita subversiva, conceitual, sensível, inteligível e plural, de um devir que perpassa o mito, a religião, a ciência e alcança a Filosofia: afirmação do empirismo transcendental de resistência psicodélica e contracultural para adentrar no universo da supraconsciência.

A proposta deste artigo é mostrar o universo da invisibilidade criadora de enunciado, que é tão visível como qualquer outra forma de apresentação da realidade legitimada pelo estado de uma ordem colonial do pensamento. Freitas (2023a), resgata essa dimensão misteriosa da percepção sensível e transcendental de forma empírica que, tal como foi estudada por Huxley (2015), tem como proposta apresentar as linguagens psicodélicas da atual filopsicodelia com seus agenciamentos maquínico-

linguísticos de contracultura (FREITAS, 2023a). No mais serão discutidos dois tópicos que irão compor o desenvolvimento do debate, a saber, *A psicodelia enquanto revolução molecular* e *O agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas*.

I – A PSICODELIA ENQUANTO REVOLUÇÃO MOLECULAR

Huxley pertence a uma geração que, em meados do século XX, começou a fazer experiências com psicoativos. Mas, a humanidade primordial não ficou para trás em relação ao uso de substâncias que manifestam a consciência. A grande *revolução molecular*⁵ ocorreu por essa época, onde o aparato repressivo não deixou de perseguir os xamãs das florestas, das periferias e das megalópoles. Por ser um rito de origem ancestral, ou seja, de subversão cognitiva, o xamanismo foi também amplamente ignorado no meio acadêmico (HUXLEY, 2015; FREITAS, 2023a, 2023b). A ideia Aldous Huxley não foi bem recebida, mas isso não fez com que a sua máquina de guerra científica parasse de produzir novos experimentos com substâncias hoje proibidas pela medicina legal. Haxixe, mescalina, ácido lisérgico (LSD), entre outras drogas que pertencem à farmácia dos antigos são atualizadas pela experiência sensível de certos artistas, poetas, músicos, pintores, filósofos, cientistas e neurocientistas. Huxley faz parte desse movimento estético, político, fenomenológico, epistemológico, ontológico, arqueológico, antropológico e clínico que eclodiu em um período turbulento para toda a humanidade, a qual sobrevivia respirando o odor pestilento das guerras universais.

Guerra pela terra, pelo mar e pelo céu. O mapa geopolítico foi fechado pelo sintoma absoluto do poder da máquina bélica do capitalismo. Por outro ângulo, os revolucionários experimentalistas continuavam a fazer uso da medicina tradicional para desenvolver o universo da Filosofia interligada com a psicodelia. O movimento de resistência (Barros Guimarães, 2021; Costa, 2022; Freitas, 2023a, 2023b) aos abusos da guerra estuda a patologia da civilização mediante à luz da razão decolonialista-psicodélica. O empirismo transcendental, a partir das experiências de Huxley, ganha uma nova tonalidade para a sabedoria contemporânea, que atualiza os saberes de outrora, conectados apenas aos seus círculos de aprendizado de ordens fechadas. Esses saberes não legitimados pela autoridade do Estado são amplamente apreciados pelos arautos da psicodelia e da transgressão. O *céu e o inferno* do mundo ocidental são desmascarados pelo saber decolonial e filopsicodélico que confronta o super-caos antiecológico

⁵ Com as crises do fascismo, do stalinismo, do nazismo e da social-democracia, esse devir do pensamento entra em cena para que o desejo não morra de inanição precoce (GUATTARI, 1985).

produzido nessa época aberta para todos os fins do capitalismo integrado. Conforme o psiconauta Jan Freitas:

Tanto Osmond quanto Huxley acreditavam que os psicodélicos poderiam ser usados para ampliar o potencial criativo da natureza humana, bem como para examinar com mais profundidade as principais questões da filosofia, por exemplo: quem somos, o que não somos, onde estamos, onde não estamos, de onde viemos e para onde vamos (2023a, p. 162).

Libertar a consciência aprisionada nos rituais de sacrifícios civilizacionais. Esta é uma das tarefas da filosofia psicodélica de Huxley que visa conhecer o universo visível e invisível da consciência física e metafísica, transcendental e empírica do ser finito, infinito e transfinito. A psicodelia cria com isso um campo imagético, e não imagético, que lhe é próprio. Imagens mentais de um mundo examinado por essas grandes almas filopsicodélicas que subvertem a lógica do sentir, do pensar, do raciocinar e do existir em um espaço mundano cujo axioma diretriz gerencia cifras infinitas de números imaginados e não-imaginados dispostos nos mercados competitivos capitalistas (Barros Guimarães, 2021). A revolução molecular errante segue um fluxo não militante, isto é, não militarizado do movimento anticapitalista (Deleuze; Guattari, 2010; Guattari, 1985), a fim de criar o devir livre para a “imagem” do pensamento, que para Deleuze (2006, p. 132): “(...) pressupõe uma determinada repartição do empírico e do transcendental; e o que é preciso julgar é esta repartição, este modelo transcendental implicado na imagem”. A molécula desejante psicodélica é adornada por imagens transcendentais que foram e ainda são pensadas segundo o fluxo do “corpo sem órgãos” cuja melodia múltipla de sons, luzes, animalidade, imagens e não-imagens para o pensamento molecular pode ainda brilhar no horizonte da consciência liberta (Costa, 2022), descomprimida, pronta para abrir *As portas da percepção* em seu estado de sublimação empírica imagética de múltiplas percepções.

O momento do êxtase é também o momento do desvelamento e do ocultamento da verdade. A proposta de manifestar uma práxis diferenciada a partir da filopsicodelia vista sob o imaginário que liga as partes com o todo é pleiteada por almas rebeldes que não estão submissas às imagens fantasmáticas das perversões edípicas (Deleuze; Guattari, 2010). A subversão extática expressa

A recomposição de uma centralidade organizacional – sob formas, repito, a serem inteiramente repensadas: multcentralidade, heterocentralidade... –, que é obviamente necessária, desde que se pense em ações de escala nacional ou internacional, será tanto mais compreendida e assumida quando mais se basear unicamente em agenciamentos contingentes de luta, preservando a autonomia, a heterogeneidade de seus componentes. Sem dúvida passará muito tempo ainda antes que as revoluções deste final de milênio cheguem a aperfeiçoar máquinas de guerra social, máquinas de escrita,

de poesia, de teoria, máquinas de vida, permitindo-lhes superar etapas decisivas nos processos de destruição-reconstrução dos sistemas sociais atuais (Guattari, 1985, p. 73).

A psicodelia enquanto revolução molecular procura se reconstruir diante desse modelo de guerra que proíbe a existência da originalidade das misturas, em que as moléculas do desejo criador não podem ser deixadas de lado. O instinto da massa é desprezado por descartar a molécula da criação originária. Massas micro e macro-fascistas que desejam a morte nunca serão criadoras de uma liberdade de si como prática da multidisciplinaridade. Tal desejo não tem liberdade própria. Ele é um desejo libertino e não libertador de conduta cívica. Para a educação filopsicodélica, a subserviência e a tirania vistas no submundo do inconsciente também invadem o habitat revolucionário do desejo que reproduz velhas maneiras de violações morais. Em nome da revolução, um novo ritual de sacrifício é erguido para santificar a vitória, que nada mais é do que uma derrota de todos os desejos acoplados aos corpos das vibrações do percurso molar e molecular das instituições prometedoras de um fatídico destino: “O braço da revolução vai saltar da rachadura e vai poder finalmente virar o disco!” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 70). Deleuze e Guattari (2010), nessa discussão, criticam os agenciamentos maquínicos que produziam contrarrevolucionários de desejos cambiantes. Essas máquinas paranoicas castram os impulsos moleculares dos corpos esquizo-revolucionários. É quando tal desejo ressuscita antigas entidades despóticas a partir dessa virada de “disco”. O que foi o socialismo, o comunismo, o nazismo, o fascismo, a social-democracia no século XX? Todos querem o mesmo: trazer a felicidade do céu para a terra. O que é o sindicato, o partido, o time de futebol, o programa televisivo para atender as necessidades das massas famintas por tais espetáculos, diante da energia molecular criadora de micropolíticas de desejos não-fascistas? Para as máquinas dos grandes conjuntos paranoicos, o infinito das máquinas revolucionárias moleculares não representa nada no seu teatro de destruição em massa. O inferno que outrora habitara o céu desce para a terra e aí ele cria o enredo da decomposição cênica pós-drama. *A psicodelia* realiza uma revolução desejante segundo as forças da “bricolagem” que justamente mina por dentro e por fora o delírio político desse desejo microfascista da homogeneidade para a linguagem, a fim de constituir transversalidades e heterotopias. Ou seja:

Quando Lévi-Strauss define a bricolagem, propõe um conjunto de características estritamente ligadas: a posse de um estoque ou de um código múltiplo, heteróclito, porém limitado; a capacidade de introduzir os fragmentos em fragmentações sempre novas; donde decorre uma indiferença do produzir e do produto, do conjunto instrumental e do conjunto a ser realizado (Deleuze; Guattari, 2010, p. 18).

Seria este o devir molecular agindo no corpo da criação desejante psicodélica que é sempre da ordem da mistura, da multiplicidade e da heteroidentificação minoritária do ser com todas as potências

do universo? Positivas, negativas ou neutras, para além da negatividade e da positividade (Barros Guimarães, 2021; Costa, 2022; Freitas, 2023a, 2023b). Neste sentido, “O discurso é subtraído à lei do devir e se estabelece uma intemporalidade descontínua. Imobiliza-se por fragmentos: estilhaços precários de eternidade” (Foucault, 2008, p. 188). A perspectiva arqueológica de Foucault apresenta as histórias dos discursos temporais de controle para poder acessar a linha de fuga da máquina revolucionária atemporal que destrói os nomes oficiais dessa dominação molar, que também têm as suas forças moleculares agindo em função de uma ordem. A psicodelia realiza uma revolução molecular que se manifesta na contracultura do ser metafísico que disseca os pilares dos regimentos autoritários. Freitas (2023a, 2023b), ao estudar o movimento da *psicodelia* sob a visão da metafísica, se apresenta como herdeiro de uma tradição filosófica que percorreu toda a história da filosofia antiga à contemporânea. De Anaximandro de Mileto (610 – 547 a.C.) que filosofou sobre a natureza do *ápeiron* como o elemento ilimitado e de certa forma seria considerado o princípio de todas as coisas existentes entre o céu e a terra; passando por Platão (428 – 348 a.C.), que discorreu a respeito da imortalidade da alma e Aristóteles (348 – 322 a.C.), que pensou no conjunto universal onde a alma se manifesta: nos reinos vegetal, animal e racional. O psiconauta Freitas (2023a, 2023b) estuda também os pensadores medievais, os modernos, os saberes tradicionais dos povos e os conhecimentos contemporâneos dos autores filopsicodélicos, tal como Huxley (2015). Ele define a práxis psicodélica da seguinte forma: “*Psicodelia* significa, em sua radical e substancial definição, *manifestação da alma, da mente ou da consciência*” (Freitas, 2023a, p. 163). Este estudo sobre a alma psicodélica pode ser desenvolvido, segundo o autor, pela via do consumo de “substâncias psicoativas” como também pelas práticas dos misticismos meditativos, dos “esportes radicais” e das criações artísticas dos sonhos, das culinárias, dos cânticos, das geometrias⁶ sagradas ou das danças corpóreas; pode acontecer no ato de caminhar meditando consigo.

O estudo da Filosofia da Natureza se manifesta por via da manifestação da psique. As percepções atribuídas a este saber minoritário, de acordo com Deleuze (2001, 2006), apresentam-se como objetos que existem na esfera natural sem causas definidas. A definição é meramente humana, demasiada humana. Ela é conhecida pela linguagem que a revela. Plantas, animais, o céu, as estrelas, os planetas, rios e os mares desde sempre existiram antes do ser humano, ou seja, anteriores ao aparecimento de uma constituição linguística. O devir animal não tem causa e nem definição. Não está disposto em uma relação binária, ou seja, “Ele comporta sempre um componente esquizo, paranoico, um devir planta, um devir

⁶ Artaud, na poesia, Van Gogh, na pintura. Eles são estudados por Deleuze e Guattari (2010) que os têm como referências para a confirmação que justifica a práxis segundo a qual o esquizo-revolucionário cria conceitos e ações diretas para combater o desejo de morte que se manifesta no campo da terra asilar do Édipo de partido, de igreja, de religião, do ritual mítico tecido por máquinas masoquistas, sexistas, enfim, que cultuam as entidades bestiais e antivida. Existem religiões fascistas que trabalham em função da mortificação dogmática.

mulher, um devir música” (Guattari, 1985, p. 36). Os devires são inúmeros, infinitos até. Devir cósmico, invisível, criança, andrógino, psicodélico, ou seja, ele cria uma práxis micropolítica para o desejo na forma de rizoma onde se gera as revoluções moleculares no âmbito da cultura sensível de certos sujeitos sociais inventores de novas perspectivas para a inteligência mundial. Huxley (2015) chamou esta metafísica de Filosofia perene, que observa o Ser segundo sua integração com o todo e as partes. Freitas (2023a), nessa mesma perspectiva, introduz as falas ocultas dos povos na sua pesquisa, para agregar valores humanos que se voltam contra o “epistemicídio” da civilização. Ele diz:

Apesar do epistemicídio deliberado por milênios contra a sabedoria ancestral, todas as civilizações através da história produziram sábios e cientistas, o que significa reconhecer que todos os povos originários do mundo possuem os seus sistemas epistemológicos (Freitas, 2023a, p. 177).

Se tal hipótese tem um sentido verdadeiro para a pesquisa em Filopsicodelia, então a decadência do eurocentrismo com sua carga de autoritarismo desenfreado chega ao fim com a análise justificada da metodologia multidisciplinar que inclui nesse cenário as abordagens dos discursos das culturas colonizadas pelo processo de devastação da terra. Isso foi debatido por Foucault quando ele discorreu sobre os fenômenos de rupturas. Para ele:

Atos e limiares epistemológicos descritos por G. Bachelard: suspendem o acúmulo indefinido dos conhecimentos, quebram sua lenta maturação e os introduzem em um tempo novo, os afastam de sua origem empírica e de suas motivações iniciais, e os purificam de suas cumplicidades imaginárias; prescrevem, desta forma, para a análise histórica, não mais a pesquisa dos começos silenciosos, não mais a regressão sem fim em direção aos primeiros precursores, mas a identificação de um novo tipo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos (Foucault, 2008, p. 4).

É com esse espírito científico que os saberes dos povos originários são discutidos, experimentados, revistos pela filopsicodelia, que se apresenta diante desse “novo tipo de racionalidade”. Uma práxis que visa também conhecer as divindades dessas culturas míticas ou religiosas: “Ora, a religião participa ao mesmo tempo do conhecimento e da paixão. O sentimento religioso, com efeito, tem dois pólos: o politeísmo e teísmo” (Deleuze, 2001, p. 61). O sentimento mítico é também adornado por paixões. Até mesmo a razão não pode viver sem esse sentimento de ligação social visto também na base de qualquer grupelho humano. O método dialético utilizado numa pesquisa de filopsicodelia também engloba o saber esquizoanalítico que visa romper com todas as estruturas de dominação que colonizaram os saberes míticos, religiosos politeístas ou teístas, científicos e filosóficos para serem utilizados como mercadorias vendáveis no universo capitalista:

A grande linha chega ao corpo sem órgãos e aí, ou passa o muro e desemboca nos elementos moleculares onde ela devém na verdade o que já era desde o início, processo esquizofrênico, puro processo esquizofrênico de desterritorialização; ou então, ela emperra, salta, recai nas territorialidades mais miseráveis do mundo moderno, ordenando-se como simulacros dos planos precedentes, de modo a grudar-se no conjunto asilar da paranoia e da esquizofrenia como entidades clínicas, nos conjuntos ou sociedades artificiais instaurados pela perversão, no conjunto familiar das neuroses edípicas (Deleuze; Guattari, 2010, p. 372).

Da filopsicodelia “devém” uma esquizoanálise quando ela realiza essa linha de fuga contra o instinto de morte cultivado pela axiomática antiecológica do neoliberalismo eletrônico, que agrupa todos os movimentos sociais em um único visual que *a priori* despreza as matrizes espirituais originárias das culturas. Por outro lado, Freitas (2023a) identifica no *techno* xamanismo a respiração de uma contracultura antimanicomial: o que não abandona os meios de transmissões e aprendizados de novos saberes que hoje se encontram online (Guattari, 1985). Nem tudo pode ser considerado um inferno dentro dos transmissores de conhecimentos que também representam a antimatéria. O navegante é quem escolhe o percurso a seguir. Se for uma navegação boa, então o trajeto será agradável; caso seja nebuloso, infernal, esquizofrênico e paranoico, a navegação tende a ser trágica. O movimento esquizo-revolucionário segue a linha da navegação desejante da criação molecular onde:

O processo de expansão consciencial, espontâneo ou induzido pelas tecnologias psicodélicas, tanto pode possibilitar uma visão mais elevada da totalidade, quanto pode permitir uma abordagem inovadora de ideias como a transcendência, a imanência, a estrutura da realidade, o princípio da identidade, a liberdade da vontade, a diferença ontológica, a introspecção meditativa, a questão do ser, a existência da alma e a união com o divino (Freitas, 2023a, p. 185).

A ênfase multidisciplinar realizada pela pesquisa filopsicodélica confronta diretamente o capitalismo, que também produz conceitos, mas para fins anti-humanos. As idealizações capitalistas dizem respeito à compra e à venda de mercadorias disponíveis nas redes de controle das consciências contaminadas pelo processo de alienação mental. *As portas da percepção* foram abertas para o *self* que não se deixou enfeitiçar pela magia do inferno da civilização contemporânea. É pela via da criação molecular que outro *agenciamento* maquínico para o desejo é pleiteado por *modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas*.

II – O AGENCIAMENTO DE MODOS DE PENSAMENTO E EXPRESSÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS PSICODÉLICAS

A atuação desejante da criação molecular, a partir dos experimentos substanciais de Huxley (2015), encontrou seu território em um laboratório denominado de civilização pós-moderna. Deleuze e Guattari identificaram na “síntese conjuntiva de consumo” a vibração do “ovo” cósmico, que, na verdade é o “corpo sem órgãos” de Deus (CsO). Ele foi nomeado como tal pela sabedoria filosófica desde a antiguidade até os dias atuais. O mundo físico e metafísico desse corpo continuará sendo o mesmo e por isso é incorruptível, tal como pensou Platão quando discorreu sobre a alma do mundo imortal. Mas, coisas e movimentos estão surgindo e acontecendo a todo momento dentro do “ovo” e neste sentido o próprio universo que um dia foi composto pode um dia se decompor, mas o “ovo” como causa primeira não entra em decomposição. A Filosofia da Natureza reconheceu isso de maneira lapidar:

Neste sentido, acreditamos na possibilidade de uma bioquímica da esquizofrenia (em ligação com a bioquímica das drogas), que será cada vez mais capaz de determinar a natureza desse ovo e a repartição campo-gradiente-limiar. Trata-se de relações de intensidade através das quais o sujeito passa sobre o corpo sem órgãos e opera devires, quedas e elevações, migrações e deslocamentos (Deleuze; Guattari, 2010, p. 117).

O esquizo revolucionário realiza rupturas catastróficas de saltos qualitativos nesse “campo” do desejo molar e molecular da destruição do ser, e por isso mesmo que o seu ato desloca o campo de sentido da dominação civilizacional e cria como isso uma abertura para os novos agentes que outrora eram excluídos da vida social: deficientes físicos, homossexuais, lésbicas, negros pobres, indígenas, pardos, e todos os que não irão servir ao processo de adestramento militar mobilizado pela maquinação da diferenciação de classe. Não são as drogas⁷ da sabotagem que estão sendo apresentadas e sim os psicoativos que possibilitam experiências singulares criadoras de possibilidades de vidas antes renegadas pela máquina manicomial que, para Deleuze e Guattari, é a pior droga social que tem que ser combatida nesse jogo. Ela fecha os canais de abertura para as experiências psicodélicas que se utilizam de certos fármacos para curar corpos e não para minar a criatividade do corpo sob o poder das palavras de ordem de comando e obediência (FREITAS, 2023b). Esta medicina repressora nasceu nos campos de guerra da

⁷ Droga no sentido de fármaco. Remédio que pode ou não ser útil ao corpo a depender da dose. Ele é utilizado sob medida, seguido de orientação médica para não causar danos psicofisiológicos. Muitos medicamentos que outrora eram chamados de “drogas”, proibidas pela legislação médica legal moderna, hoje estão sendo estudados nos campos científicos da civilização e desde sempre nas aldeias dos povos originários. Antes das farmácias ou dos hospitais existiam as drogas nas plantas, árvores, e os curandeiros que aprendiam com elas, as utilizavam e as utilizam com fins curativos, ritualísticos (Freitas, 2023a, 2023b).

civilização, e por isso mesmo, o seu sistema de tratamento só serve à máquina da devastação sob o emblema de uma saúde limítrofe. Como o psiconauta cuida de seu corpo que não é diferente de sua alma?

O agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir da experiência psicodélica se desenvolveu na esteira do entrelaçamento com os enunciados linguísticos desclassificados pelo progresso da história universal. A máquina genocida e etnocida da civilização só não destruiu as almas dessas culturas, que ainda resguardam seus saberes como forma de resistência à morte vinda do exterior que penetra no interior da tribo para devastá-la. Nem tudo foi exterminado (Barros Guimarães, 2021; Costa, 2022). Tais conhecimentos foram compreendidos não apenas pelos seus ritos místicos ou religiosos, mas também pela coragem de mantê-los sob a guarda de seus xamãs. Huxley (2015) fazia experiência com o peyote que era cultuado por grupos tradicionais, por exemplo, no México. A experiência psicodélica cria para si e para o mundo a recriação desse rito por meio de bricolagens que não acontecem apenas no campo da linguagem escrita dos multiversos que se entrecruzam numa transcendência segundo a empiria realizada nos laboratórios da civilização contemporânea, mas também no universo da não-linguagem abstrata para o pensamento e, sendo assim, fecha o ciclo dialético molecular com seu agenciamento de enunciação de novos significados. Neste artigo, tratamos de apresentar os percussores da filopsicodelia no século XX produtora de conceitos que são híbridos, ou seja, misturas de várias linguagens, práticas místicas, religiosas, científicas, meditativas, enfim, outra bricolagem para o logos do pensamento. Nomes como os de William Blake (1841 - 1898), Van Gogh, Artaud, Huxley e Alex Grey (Freitas, 2023a) aparecem nesse cenário como escultores de obras contemporâneas e psicodélicas não limitadas aos ditames da indústria pós-moderna fabricante de simulacros nostálgicos cuja visão de mundo é não ter visão nenhuma para a percepção da eterna alma do mundo, que se encontra além da fronteira visual, e por isso que ela é da ordem do empírico transcendental, ou seja, disponível no fluxo ilimitado energético visto no campo do universo hipersensível da consciência corpórea empírica e transcendente. As partes conectadas ao todo formam em si e para si engendram essa unidade que desde sempre foi a mesma. Ela é transmitida por “um enunciado”. O que é este conceito?

(...) um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou, na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o procedem e o seguem (Foucault, 2008, p. 31-32).

O agenciamento psicodélico é fabricado pela condição que se encontra além do domínio da experiência comum, ou seja, o seu campo de sentido físico e metafísico que transcende o dado normal de uma visão simplista do mundo imediato e mediado pela consciência racional e irracional. Como apresenta Foucault na citação acima, ele é produto de uma singularidade vista a percorrer o dado ancestral da consciência pela via contemporânea do discurso produzido pela pesquisa de “livros” empoeirados, linguagens fora de uso, ou seja, coisas que pertencem aos arquivados encontrados nos museus e também nas memórias dos povos remanescentes. Eles ainda estão aí para comprovar o direito à investigação sobre esses valores apresentados e podem muito bem nos beneficiar com o brilho do céu que não deixou ser povoado pela maquinação do encobrimento no qual o enclausurou na fantasia de uma civilização fechada em si. É necessário abri-la, chacoalhá-la, destruí-la por dentro e por fora para poder encontrar a linha de fuga da criação que consegue produzir a leitura da causa primeira, que é a verdade sobre a física na sua formalização macro e microcós mica. Essa leitura aparece na obra de Huxley (2015), na de Artaud, na de Van Gogh (Deleuze; Guattari, 2010), como também na análise que Freitas (2023a, 2023b) desenvolve a respeito da filopsicodelia contemporânea, que atualiza o discurso da multidisciplinaridade como forma de revisitar o lado visceral do conceito de psicodelia vista a partir da Filosofia. Uma pesquisa deveras importante para o pensamento da ruptura que quebra com a legitimidade epistemológica atribuída ao logos dos gregos como o marco de referência da criação da racionalidade. Na concepção de Freitas (2023a), antes dos gregos, os seres humanos já filosofavam não como filosofaram os gregos, mas de maneira diferente deles. Os filósofos que apareceram na Grécia também se dedicaram aos estudos das antigas culturas. Conceitos como os de antropologia, etnologia, geografia foram cunhados por eles por serem povos de características racionalizadoras. Isso é o que provém da conquista de si mesmo.

Huxley (2015) realizou uma crítica muito importante a respeito da produção industrial da bebida e tabaco que são consumidos legalmente sem intervenção da prática médica. Para ele, as cifras de papel-moeda gastas para produzir álcool e fumo industrializado são maiores que aquelas aplicadas na educação de pessoas. Educar pessoas para a humanidade psicodélica não gera rentabilidade para as indústrias capitalistas. Vender bebidas e fumos, sim, isso gera lucro, isso faz dinheiro, isso produz os futuros doentes para os hospitais que necessitam desses doentes. Huxley (2015) demonstrou que o consumo de bebidas extraídas dos “extratos vegetais ou animais” oriundos da Mãe Terra criou a empiricidade transcendental dos xamãs que já cultuavam a medicina como o rito sagrado da purificação da alma, muito diferente da práxis médica tal como ela é conhecida na atualidade, sem um rito espiritual.⁸ Segundo ele, a utilização

⁸ A crítica que Platão desenvolveu à arte médica foi também apreciada por Artaud na contemporaneidade. Não se cura um corpo pelo corpo e sim o corpo pela alma. A medicina da alma, pensada por aquele filósofo grego, fazia uma contraposição ao método de cura que era utilizado por uma medicina sem alma, sem deuses, sem Deus, ou seja, uma arte que era destinada

das drogas psicodélicas poderia fornecer respostas para os mistérios advindos da consciência em relação com a natureza. Práxis médica que aparece antes das práticas secretas dos rituais sagrados de Elêusis que eram apreciados por Platão: esse seria o campo da memória onde a magia que prescrevia um procedimento de cura era cultivada sem proibições. Uma hipótese sobre a anamnese é apresentada por Huxley acerca dessa *emergência* dignificada pela *consciência humana*. A memória do psicólogo Julian Jaynes (1920 – 1997) é mencionada por esse psiconauta como marco que atribui uma historicidade vista a *mais de três mil anos atrás*, onde a ancestralidade se assemelhava às entidades arquetípicas, *autômatos* movidos por suas necessidades de existência que não eram tão complexas quanto se apresentam na sociedade contemporânea: com pouquíssima memorização do passado e do futuro, mas com muita capacidade de compreender as vozes externalizadas atribuídas ao *comando*, ao *elogio* e à *censura*. Talvez essa seja a grande descoberta do agenciamento maquínico molecular expresso por um tipo de pensamento multidisciplinar onde a psicodelia refloresce para não deixar *as portas da percepção* (Huxley, 2015) se fecharem nesse imenso supercaos neocapitalista produtor de entidades paranoicas e esquizofrênicas clínicas atribuídas aos grandes conjuntos molares nos quais os alcoólatras e os tabagistas são cultuados nas propagandas televisivas como modelos de subjetividades consumistas de drogas destruidoras. Esses venenos não proibidos não ampliam os estados das consciências e sim diminuem as suas potencialidades: “autômatos” desalmados. Tais entidades dominantes produzidas nas sociedades complexas contemporâneas fabricaram indústrias automobilísticas, xampus e outros adereços em nome da ampliação das doenças mentais geridas pelas edipianizações das crianças, dos adolescentes, dos adultos e dos idosos socializados no consumo dessa vida cotidiana universal, negadora audaz da práxis libertadora psicodélica não alienada.

Na maior parte do tempo, a alienação social recobre diversas formas de alienação mental. Aqueles que são admitidos num hospital psiquiátrico, o são não tanto por estarem doentes, mas porque protestam de maneira mais ou menos adequada contra a ordem social. Assim, o sistema familiar em que estão presos reforça os malefícios produzidos pelo sistema familiar no qual cresceram. Essa autonomia que eles procuram afirmar em face de uma microsociedade atua como revelador de uma alienação maciça exercida pela sociedade inteira (Cooper, 1968, Pp. 48-9, *apud* Deleuze; Guattari, 2010, p. 424).

a cuidar dos corpos para serem corpos adestrados por grupos militares. O poeta francês mencionado dizia que essa arte nasceu dos cadáveres da civilização ocidental, para atender às necessidades das mutilações dos corpos nos dramas psicológicos geridos por essa sociedade: sociedade, teatro, disciplina e controle da vida e da morte. Artaud fazia experiências com substâncias psicoativas e desenvolveu as suas análises antimanicomiais sobre saúde e doença sob a tutela dos hospitais psiquiátricos. Ele inverte os códigos ao colocar a saúde social do sistema econômico do século XX como uma doença infecciosa cuja morte lenta começou a ser traçada bem antes de Cristo: a axiomática mortuária. A contribuição de seu logos para o fortalecimento do direito à loucura como manifestação da poesia, da filosofia, da teologia primitiva, do experimentalismo psicodélico, do teatro anti-edipiano, da criação de anti-formas linguísticas apareceu como uma reviravolta para antropologia de sua época produtora de “autômatos modelados” pela industrialização da bioquímica industrial (Deleuze; Guattari, 2010).

Quando Huxley (2015) retoma o discurso do xamã como personalidade que exercia uma arte de cura através da domesticação e ritualização de certas plantas medicinais, ele quer demarcar um campo político de análise distinto do campo hospitalar tal como apresentou na citação acima o antimanicomialista D. Cooper (1931 – 1986). Este estudioso das neuroses pós-modernas retoma a discussão sobre o conceito de “alienação mental”. Deleuze e Guattari (2010), além de citarem esse médico sul-africano, mencionam também Frantz Fanon (1995 – 1961), que estudou questões decoloniais contemporâneas e trabalhou para expandir o pensamento contra as empresas neocoloniais, com suas formas de policiamento violento aplicado a um povo subjugado. Um prêmio Nobel de Medicina (1965) é citado também: Jacques Monod (1910 – 1976), que desenvolveu pesquisa sobre as sínteses micromoleculares inoperantes para os grandes conjuntos sistemáticos molares a partir de suas práticas originárias investigativas, que sob o preceito de “uma biologia molecular”, ‘cibernética microscópica’, representa a fronteira perante o *mecanicismo* e o *vitalismo* das máquinas desejantes artificiais vistos por uma perspectiva tradicional do pensamento (Deleuze; Guattari, 2010). O insignificante da revolução molecular passa por esse filtro revolucionário da consciência transcendental que opera na disjunção e, com isso, realiza uma fenda dentro do plano de controle macromolecular de sujeição. Ela cria uma linguagem multidisciplinar segundo os devires psicodélicos sediados por experiências com a terra e com o “corpo sem órgãos”.

Devires primordiais das ancestralidades míticas e religiosas, dos poetas e filósofos, dos xamãs e dos médicos tradicionais, políticos morais e éticos são atualizados por esses grupelhos, agenciados em expressões de pensamentos moleculares, de criações de novos devires para a macropolítica mundial e para a micropolítica local. “Por mais fascinantes e surpreendentes que sejam as dimensões do campo de pesquisa da filosofia psicodélica, ainda existem muitas barreiras e dificuldades estruturais a serem obliteradas pelos estudiosos da psicodelia filosófica” (Freitas, 2023a, p. 188). Então, o *groupuscule*⁹ filopsicodélico pela via da linguagem realiza uma arqueologia proferida por um saber subterrâneo cuja subjetividade é afirmada por sua práxis intersubjetiva, que para Guattari (1985) opera numa multiplicidade que seria também um acontecimento pessoal. Todos os seres humanos são duplos, molares e moleculares, porque a linguagem é a arma balística da cultura gregária regida por códigos binários de condutas. A fenda é sempre revolucionária por seguir o percurso da linha de fuga multidisciplinar psicodélica do devir. O objetivo é consagrado pela realização da criação ilimitada por *N* dimensões que podem ser acessadas por

⁹ Conceito trabalhado por Guattari (1985) nos anos 60 para demarcar o campo de atuação micropolítica de sua obra dissidente de criação política. Refere-se ao tipo de grupo minoritário, marginal, sem visibilidade epistemológica definida, que combate os polos dos delírios da sociedade universal, medicalizada e capitalista, micro e macro fascista: paranoia e esquizofrenia para as ordens clínicas de destino e não para os devires moleculares de criações artísticas.

via do uso de psicoativos ou práticas terapêuticas para a consciência corpórea, em que a substância primeira é manifesta pela configuração mítica ou religiosa de matriz empírica e transcendental.

CONCLUSÃO

A conexão referencial entre Huxley (2015), Deleuze e Guattari (2010), Foucault (2008) e Freitas (2023a, 2023b), nesse enredo sobre *A psicodelia enquanto revolução molecular: o agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas*, procurou discutir sobre a natureza transcendental e empírica os dados arqueológicos das menores sabedorias; sobre a criação do enunciado da escrita misturada filopsicodélica formada numa bricolagem dignificada por um pouco de terra, de ar, de água, de fogo, de imagens, não imagens para o pensamento pensado ou não pensado sobre a sua relação mística, religiosa, sobretudo filosófica com o todo em relação às partes: entre “o céu e o inferno” de Dante e de todos (Huxley, 2015). A relação direta e indireta dos conceitos de psicodelia, revolução molecular, arqueologia, agenciamento maquínico, bricolagem, esquizoanálise e contracultura foram apresentados no *corpus* textual deste trabalho como forma de ligadura para compor a melodia da relação entre transcendência e empirismo observada nas práticas das pesquisas contemporâneas desses investigadores da imortalidade da alma. Para Guattari (1985) e Huxley (2015), o sentido do conceito de “grupelho” envolve toda experimentação subjetiva e objetiva do corpo singular da cultura primeira e do grupo minoritário quando a atualiza para o espírito histórico do presente como forma de manifestar uma sabedoria ancestral em relação ao uso de medicamentos os quais envolvem a prática da fala e da ação contemplativa. Esse saber é expressado pelo material sensível para a consciência inventiva de vidas. O grupelho por ser pequeno não quer dizer que seja inferior, mas ele abrange a diversidade da experiência social dignificada por esse devir molecular do todo e das partes, ou seja, ele representa o devir imaterial do ovo cósmico-psicodélico.

A linguagem de grupelho, seja ele primordial ou contemporâneo, é sempre uma manifestação ininterrupta do devir que compõe a revolução molecular que já existia antes mesmo da hominização da cultura. Esta organização sofisticada os fluxos energéticos das forças da natureza para realizar experimentos com a substância primeira a partir de um empirismo transcendental que adornou a vida do povo e antecedeu o aparecimento das sociedades ditas complexas. Huxley (2015), Deleuze (2001, 2006), Guattari (1985), Foucault (2008) e Freitas (2023a, 2023b) retornaram para a existência dessa tradição, a fim de compreenderem a educação de uma “nova racionalidade” que a ancestralidade já desenvolvia a respeito do uso dos fármacos tradicionais estudados por eles como forma de uma práxis médica gerida pela sabedoria dos xamãs. A medicina não poderia ter surgido sem a intervenção de classificação das plantas,

no território onde nasceram os primeiros artistas da cura. A herança na qual a farmacologia pode ter adquirido na sua trajetória faz parte desse arcabouço, ou seja, ela antecede os modelos modernos de cura, de experimentos, de rituais sagrados conforme dignificam *A psicodelia enquanto revolução molecular: o agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas*.

O empirismo transcendental pensado por esses estudiosos da *revolução molecular* nos séculos XX e XXI visa atualizar esse conceito no campo da imanência macro e micropolítica, sem esquecer dos devires que compõem o todo e as partes do infinito “corpo sem órgãos”: paranoico e esquizofrênico. Não existe clínica contra as forças advindas do princípio da natureza *natura*. A humanidade codificou os seus fluxos para usufruir dos benefícios e dos malefícios que podem ser causados pela domesticação de seus poderes, que são independentes da existência humana na terra. A linguagem é quem dá nome ao movimento, ou seja, ela é a transfiguração de todos os devires sublimados no ato ritualístico como forma de cultura no sentido de cultivar algo na esfera terrestre. A imaginação criadora sob os preceitos do empirismo e da subjetividade produziu o mundo dos xamãs e dos médicos que representam o alicerce de toda a história universal, por ser ela a base de sustentação dessas práticas cujo objetivo é curar um corpo através da ingestão das substâncias farmacológicas.

Os *agenciamentos maquínicos* qualitativos e quantificadores são sínteses marginais de potências moleculares abstraídas por uma minoria produtora de sentidos novos para a vida (Barros Guimarães, 2021; Costa, 2022). Toda a subjetividade enunciativa é produto de um coletivo trabalhado num território geográfico que, pela teoria e pela prática, conduz o inconsciente à economia libidinal do desejo. A visão bipolar dialética representa a castração do desejo edipiano sobre o campo social: criança e velho, pequeno e grande, forte e fraco, molar e molecular. O agenciamento da revolução microssocial prefigura nos corpos coletivos ou individuais cuja intensidade maquínica tende a quebrar com essa triangulação perversa para poder ultrapassar o instinto de morte e a partir disso conectar o desejo à multiplicidade que se abre para os novos agenciamentos linguísticos filopsicodélicos de inclusão e não exclusão dos seres sociais. Entre os anos de 1960 e 1970, com o despertar do movimento contracultural surgido no mundo das marginalidades revolucionárias do pensamento (Freitas, 2023a, 2023b), o agenciamento enunciativo psicodélico introduz no discurso social novas maneiras de organização social para combater no mesmo plano a máquina de guerra do neocapitalismo colonial que chegou ao seu limite de produção. A terra, o mar e o céu foram devastados, neocolonizados, pela aventura doentia de um sistema que fabricou a morte do todo e das partes (Deleuze; Guattari, 2010). A denúncia foi realizada perante essa destruição que configurou o movimento de desterritorialização dos fluxos energéticos de todas as máquinas sociais a partir de uma única axiomática. Mas nos interstícios desse grande sistema mortuário apareceu o contragolpe, isto é, a ascensão de discursos e práticas que outrora foram soterrados pelo percurso

digerido por aquele motor da destruição do mundo. O que Huxley (2015), Deleuze (2001, 2006), Guattari (1985), Foucault (2008) e Freitas (2023a, 2023b) realizam nas suas investigações científicas é justamente a microscopia analítica de sínteses que não foram completamente exterminadas por esse delírio macrológico de dominação. Novas bricolagens surgem diante de um fato histórico que chegou no século XXI com a disseminação pandêmica que, durante dois anos, matou corpos supostamente infectados pela máquina de produção capitalista.

Freitas (2023a) se opõe ao proibicionismo que censura as máquinas criacionistas de novos enunciados para a existência pela via da psicodelia decolonial do choque: os saberes de uma tradição que outrora eram considerados irracionais pela douta excelência da razão dogmática. De acordo com ele, o reflorescimento de uma interzona para o logos das descobertas revolucionárias emergidas, sob o paradigma científico multidisciplinar, gestou no alvorecer dessa época a destruição de todos os tabus provenientes dos estigmas que foram alimentados pela má consciência despótica soldada ao sistema de alienação e destruição dos corpos em relação aos conhecimentos de bricolagens contraculturais. Outro horizonte filosófico para a práxis é pleiteado pela sua filopsicodelia no campo do misticismo, da religião, da ética, da política, da epistemologia, da hermenêutica, da ontologia, do direito, da fenomenologia, da antropologia aliados aqui neste estudo aos saberes esquizoanalíticos, arqueológicos, etnológicos e moleculares (Deleuze; Guattari, 2010; Deleuze, 2001, 2006; Foucault, 2008), visualizados pela luz da psicodelia contemporânea: dos antigos xamãs aos novos médicos psicodélicos. *A psicodelia enquanto revolução molecular* parte dos antigos problemas agenciados pela metafísica para problematizar os fundamentos da eternidade da alma, ou seja, do ser divino.

O agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas cria outra sabedoria para o campo científico através da porta de entrada da percepção sensível, inteligível, empírica, transcendental e supraconscienical no âmbito da linguagem que pela exposição multidisciplinar investiga com êxito as patologias disseminadas pela civilização pós-moderna. Com isso, este trabalho de síntese minoritária contribui para o alargamento do debate sobre os estudos da mente mística, religiosa e racional, de acordo com esse logos. A psicodelia, neste sentido, é a sabedoria que estuda a alma no seu grau mais elevado, também podendo ser utilizada para o tratamento de almas que sofreram ao longo de suas histórias traumas provocados por guerras de colisões de consciências. Para a macropolítica ou para a micropolítica, ela se apresenta como um fármaco deveras exótico para o mundo corroído pela axiomática do capital. A linguagem da bricolagem filosófica procura o equilíbrio do corpo com a alma, para não ser enfeitada pela magia infecciosa do universo psiquiátrico capitalista. A memória decolonial foi apresentada neste estudo pelo paradigma da filopsicodelia com intuito de trazer para a discussão

contemporânea a racionalidade intrínseca gerida por uma tradição do pensamento humano: mítico, religioso, filosófico e psicodélico.

REFERÊNCIAS

BARROS GUIMARÃES, José Luís de. Memória, esquecimento e política em Walter Benjamin: A reinterpretção da história a partir do comprometimento ético com os vencidos. *Kalagatos*, v. 16, n. 2, p. 104–128, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/6591>.

COSTA, Solange. bell hooks e Elza Soares: A vez e a voz da resistência. *Kalagatos*, v. 19, n. 1, p. eK22018, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/8307>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2. ed. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FREITAS, Jan Clefferson Costa de. Que é isto – a Filopsicodelia? O Reflorescimento da Filosofia Psicodélica. *Princípios: revista de Filosofia, Natal (RN)*, v. 30, n. 62, p. 159-200, mai – ago, 2023a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/31841>.

FEITAS, Jan Clefferson Costa de. Entheogenic Creativity: Shamanism and Entheogens in the Visionary Art of Alex Grey. *Kalagatos*, v. 20, n. 1, p. eK23011, 2023b. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10132>.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção; céu e inferno*. Trad. Marcelo Brandão; Thiago Blumenthal. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.



ARAÚJO, André Vinícius Nascimento; MAIA, Igor Fidelis; SILVA FILHO, Edson Gonçalves. A psicodelia enquanto revolução molecular: o agenciamento de modos de pensamento e expressão a partir das experiências psicodélicas. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24023, p. 01-20.

Recebido: 02/2024

Aprovado: 04/2024